revista civilização brasileira

13

NCr$ 3,00

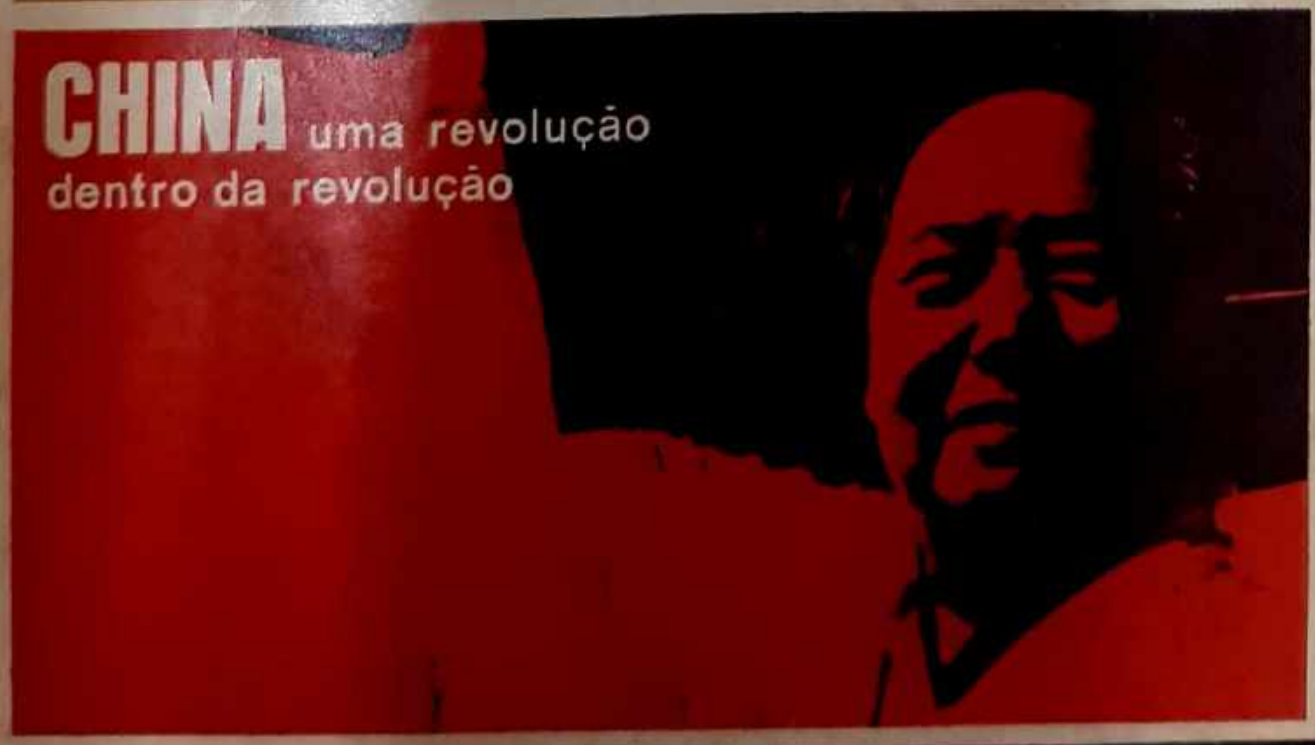
ESTRUTURA DO PROLETARIADO URBANO
Armando Corrêa da Silva

FORMAÇÃO DO EMPRESARIADO INDUSTRIAL
Luciano Martins

ARTE LIVRE OU ARTE DIRIGIDA?
George Lukács

ASCENSÃO E QUEDA DA FICÇÃO CIENTÍFICA
Fausto Cunha

A UNIVERSIDADE E O CIA
Irving Louis Horowitz



Digitalizado com CamScanner

Índice

Dois Anos de RCB — 3

China, uma revolução dentro da revolução — 5

Notas Internacionais — 25

Um Poema de Rafael Alberti — 41

A universidade e a CIA
Irving Louis Horowitz — 45

Estrutura e mobilidade social do proletariado urbano em São Paulo
Armando Corrêa da Silva — 57

Formação do empresariado industrial no Brasil
Luciano Martins — 91

Ascensão e queda da ficção científica
Fausto Cunha — 133

Ciência e Utopia
Ernst Fischer — 151

Arte livre ou arte dirigida?
Georg Lukács — 159

A travessia de Cony
Paulo Francis — 179

A reforma não é uma heresia: problemas da economia soviética — 184

Colóquio dos violentos
Joaquim Cardoso — 193

A grande cidade
Otávio Ianni — 199

Digitalizado com CamScanner

De Auschwitz ao Harlem
Rui Martins — 203

A carreira de pesquisador científico no Brasil
Luiz Gouvêa Laboriau — 209

Justiça libera obras apreendidas — 225

Notas de Leitura — 229

Dona Flor e seus dois maridos
O militarismo alemão com ou sem Hitler
Padrões raciais nas Américas
As três quedas do pássaro
Que futuro espera a humanidade?
Do anátema ao diálogo
Messianismo e conflito social
Origens da dialética do trabalho
Treblinka

REVISTA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Lançamento Bimestral da
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua 7 de Setembro, 97
Rio de Janeiro, Gb.

ANO III — N.º 13 Maio, 1967

Diretor Responsável — Moacyr Felix
Secretário — Dias Gomes

Digitalizado com CamScanner

Estrutura e Mobilidade Social do Proletariado Urbano em São Paulo

Armando Corrêa da Silva

DURANTE TRÊS ANOS — de 1963 a 1966 — uma situação de trabalho favorável permitiu-nos o acesso ao material de um arquivo, em que ficam registrados dados pessoais e alguns aspectos das condições de vida e atividades profissionais das pessoas abrangidas nesta sondagem e, ao mesmo tempo, o trato direto com a população atingida pela amostra.

O arquivo possuía, por ocasião do levantamento, 16.000 fichas, das quais mais de 7.000 em uso diário, abrangendo os anos de 1959 a 1964. Essas fichas de uso diário tinham sôbre as outras a vantagem de se referirem a pessoas presentes em São Paulo, como moradores ou não-moradores presentes. Resolvemos, então, utilizar apenas estas que, na data em que começamos a trabalhar, perfaziam um total de 7.274.

As fichas contêm, irregularmente, dados sôbre idade, sexo, lugar de residência e procedência, côr, atividade profissional etc., do entrevistado e sua família e registram problemas variados, expressando necessidades em vestuário, alimentação, saúde, habitação, higiene, transporte e outras.

Digitalizado com CamScanner

Das 727 fichas de amostras — 10% do total utilizado — 90,8% se referiam a famílias e 9,2% a casos individuais.

Na ocasião do registro dêsses dados, o gênero de residência, no município da Capital e arredores, assim se caracterizava:

QUADRO I

Moradores e não-moradores presentes

em domicílio não especificado	86,8%
em albergues noturnos	2,1%
em favelas	1,9%
em sítios, chácaras e fazendas	1,5%
em diversos serviços públicos	0,7%
em olarias	0,4%
em asilos e pensionatos	0,3%
sem enderêço e em trânsito	6,3%

As fichas referiam-se a casos da mais variada procedência e naturalidade, abrangendo um total aproximado de 40.270 pessoas — casos de famílias, mais casos individuais, com a média de 6 pessoas por família — equivalendo, em 1964, para cêrca de 36.605 residentes no município da Capital, moradores e não-moradores presentes, a 0,8% da população do mesmo.[1]

Quanto ao lugar de nascimento, foi obtida a seguinte classificação:

QUADRO II

Lugar de nascimento

Nacionais:

São Paulo	30,4%
Minas Gerais	18,1%
Bahia	11,8%
Pernambuco	6,5%
Alagoas	4,5%
Ceará	2,3%
Paraíba	2,1%

[1] 4.600.089 habitantes, conforme estimativa do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Divisão Demográfica.

Digitalizado com CamScanner

Paraná	1,8%
Sergipe	1,6%
Rio de Janeiro (incluindo Guanabara)	0,9%
Rio Grande do Norte	0,7%
Goiás	0,5%
Mato Grosso	0,5%
Piauí	0,4%
Espírito Santo	0,4%
Rio Grande do Sul	0,4%
Maranhão	0,3%
Santa Catarina	0,3%
Pará	0,1%
Amazonas	- %
Estrangeiros:	
Portugal	0,7%
Espanha	0,4%
Suécia	0,1%
Alemanha Federal	0,1%
Hungria	0,1%
Com registro ilegível	0,7%
Sem declaração registrada	14,3%

A maior parte das fichas registra o nascimento das pessoas nas regiões Sul e Nordeste, seguidas das regiões Leste, Centro e Norte. Com exceção do Amazonas aparecem casos de pessoas nascidas em tôdas as unidades da Federação, inclusive no estrangeiro. A porcentagem dos nascidos no Estado de São Paulo é consideràvelmente maior do que, mesmo as que se lhe seguem de perto, Minas e Bahia.

No que diz respeito à declaração do local de procedência não foi possível utilizar os dados visto que os não classificados por registro ilegível e ausência de declaração atingiam 66,8%.

Quanto ao local de residência obtivemos a seguinte distribuição:

QUADRO III (A)

Lugar de residência	
Estados:	
São Paulo	89,4%
Paraná	0,5%

Digitalizado com CamScanner

Minas Gerais	0,1%
Alagoas	0,1%
Bahia	0,1%
Com registro ilegível e sem declaração	9,8%

QUADRO III (B)

Lugar de residência

Municípios de São Paulo:

São Paulo (Capital)	69,2%
Osasco	5,1%
Guarulhos	2,7%
Santo André	1,2%
Carapicuíba	1,2%
Mauá	1,1%
Itapevi	0,9%
Cotia	0,7%
Poá	0,7%
Itaquaquecetuba	0,5%
São Caetano do Sul	0,4%
Mogi das Cruzes	0,4%
Susano	0,4%
Barueri	0,4%
Ferraz de Vasconcelos	0,3%
São Bernardo do Campo	0,3%
Itapecerica da Serra	0,3%
Taboão da Serra	0,3%
Sorocaba	0,3%
Francisco Morato	0,3%
Araçatuba	0,3%
Diadema	0,1%
Embu	0,1%
Cubatão	0,1%
Santos	0,1%
Franco da Rocha	0,1%
São Roque	0,1%
Guarantã	0,1%
Pederneira	0,1%
Rancharia	0,1%
Andradina	0,1%

Digitalizado com CamScanner

Ourinhos	
Presidente Prudente	0,1%
Franca	0,1%
Adamantina	0,1%
Mogi-Mirim	0,1%
Fernandópolis	0,1%
Limeira	0,1%
Birigui	0,1%
Olímpia	0,1%
Campos do Jordão	0,1%
Ilha Bela	0,1%
Bento de Abreu	0,1%
São Manuel	0,1%
Campo Limpo	0,1%
Outros Estados	0,1%
Com registro ilegível e sem declaração	0,8%
	9,8%

89,4% dos entrevistados declararam residência no Estado de São Paulo. Dêsses 69,2% residem no município da Capital. A maior concentração se verifica na área conhecida como a da Grande São Paulo e arredores imediatos.

No que se refere ao município da Capital, distritos e subdistritos, apuramos o seguinte:

QUADRO III (C)

Lugar de residência

Distritos:

Capital	57,9%
São Miguel Paulista	5,9%
Guaianases	2,2%
Itaquera	1,9%
Ermelino Matarazzo	0,7%
Perus	0,6%
Jaraguá	— %
Pareleiros	— %
Outros municípios	20,2%
Outros Estados	0,8%
Com registro ilegível e sem declaração	9,8%

Digitalizado com CamScanner

Lugar de residência

Subdistritos do distrito da Capital:

38.º	Vila Matilde	5,0%
22.º	Tucuruvi	4,9%
23.º	Casa Verde	4,4%
4.º	Nossa Senhora do Ó	4,2%
13.º	Butantã	3,4%
10.º	Belenzinho	3,0%
26.º	Vila Prudente	3,0%
29.º	Santo Amaro	2,9%
48.º	Vila Nova Cachoeirinha	2,5%
31.º	Pirituba	2,3%
8.º	Santana	2,1%
11.º	Santa Cecília	1,9%
9.º	Vila Mariana	1,8%
36.º	Vila Maria	1,8%
40.º	Brasilândia	1,8%
21.º	Saúde	1,5%
24.º	Indianópolis	1,1%
42.º	Jabaquara	0,9%
46.º	Vila Formosa	0,9%
3.º	Penha de França	0,8%
12.º	Cambuci	0,7%
14.º	Lapa	0,7%
27.º	Tatuapé	0,7%
2.º	Liberdade	0,5%
15.º	Bom Retiro	0,5%
17.º	Bela Vista	0,5%
18.º	Ipiranga	0,5%
35.º	Barra Funda	0,5%
7.º	Consolação	0,4%
25.º	Pari	0,4%
37.º	Aclimação	0,4%
6.º	Brás	0,3%
16.º	Mooca	0,3%
19.º	Perdizes	0,3%
30.º	Ibirapuera	0,3%
41.º	Cangaíba	0,3%
33.º	Alto da Mooca	0,1%

Digitalizado com CamScanner

39.º	Vila Madalena	0,1%
43.º	Jaguara	0,1%
45.º	Pinheiros	0,1%
1.º	Sé	— %
5.º	Santa Ifigênia	— %
20.º	Jardim América	— %
28.º	Jardim Paulista	— %
32.º	Capela de Socorro	— %
34.º	Cerqueira Cesar	— %
44.º	Limão	— %
47.º	Vila Guilherme	— %
Outros distritos		11,3%
Outros municípios		20,2%
Outros Estados		0,8%
Com registro ilegível e sem declaração		9,8%

Segundo critério utilizado empìricamente pelos serviços urbanos da prefeitura do município da Capital, pode ser feita, aproximadamente, a seguinte distribuição da população, na área do município, por zona:

QUADRO III (E)

Distribuição por zonas do município de São Paulo:

Leste	31,8%
Oeste	12,1%
Norte	11,4%
Centro	4,1%
Sul	3,2%
Subdistritos novos, criados em 1964	6,6%
Outros municípios	20,2%
Outros Estados	0,8%
Com registro ilegível e sem declaração	9,8%

Segundo as zonas do município de São Paulo a maior parte das pessoas estava residindo na zona Leste, com 1.927.091 habitantes, sendo que Saúde, Ipiranga, Penha de França, Tatuapé, Alto da Mooca e Vila Prudente com mais de 100.000. (IBGE, 1960) É a área de maior concentração industrial e que confina com o ABC: Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, com uma população urbana e rural de 441.979 habitantes. (IBGE, idem).

Digitalizado com CamScanner

Segue-se a zona Oeste, com 585.911 habitantes, sendo que Lapa e Nossa Senhora do Ó com mais de 100.000. (IBGE, idem). Zona "nova", margeada pelo município de Osasco, de desenvolvimento fabril recente e que foi criado há pouco tempo, desmembrado do município da Capital em 1959; em 1960 apresentava uma população urbana e rural de 116.077 habitantes. (IBGE, idem).

Em terceiro lugar vem a zona Norte, com 494.398 habitantes, com Tucuruvi, Casa Verde e Santana com mais de 100.000. (IBGE, idem). Em São Paulo, diferentemente da Guanabara, não é área de grande concentração industrial. Sofreu um aumento populacional de mais de 100% de 1950 para 1960. (IBGE, idem).

Em seguida vem o Centro, com 405.064 habitantes (IBGE, idem), onde se situam alguns dos primeiros bairros industriais da cidade.

Finalmente, aparece o Sul, com 245.647 habitantes, com Santo Amaro com mais de 100.000 (IBGE, idem). Santo Amaro também é área industrial. Caminhando para o extremo meridional desta zona, em direção à Serra do Mar, a população torna-se rarefeita: Capela do Socorro, com muitos loteamentos novos surgindo, e Parelheiros, confinando com a Serra.

A Estrutura Ocupacional

Fazer afirmações sôbre a estrutura social urbana, em relação ao município de São Paulo, é tarefa difícil e delicada, em virtude do grande ritmo de crescimento de sua população nos últimos anos: de ..... 1.326.261 habitantes, em 1940, para 3.709.111, em 1960 (IBGE) — com a conseqüente alteração da composição social de seus habitantes.

Paralelamente, é preciso considerar que, no mesmo período, no que se refere a todo o Estado, a população urbana e suburbana, então menor do que a rural: 3.168.111, para 4.012.205 habitantes — tornou-se quase o dôbro da mesma: 8.149.979 habitantes, para ..... 4.824.720 (IBGE, 1960). Êste fenômeno tem profundas inplicações para a análise da composição social da população, de um ponto de vista lógico-histórico, pois reflete o processo de desenvolvimento de um modo de produção capitalista, na área, com a penetração de suas formas no campo.

Êsse crescimento deve ter influído sôbre o processo de estratificação das classes e camadas, mas parece não haver dados empíricos a êsse respeito para base de qualquer raciocínio menos especulativo.

Digitalizado com CamScanner

A estrutura ocupacional encontrada determinou a segunite distribuição, segundo critério que leva em conta a procedência e o ingresso no mercado de trabalho urbano-industrial (por sexo):

QUADRO IV

Ingresso no mercado de trabalho	*Sexo*
Atividades pré-industriais	*Masculino*

Zona rural I — *trabalhadores assalariados do campo, lavradores pobres e economia de subsistência* ("lavrador", "na lavoura", "na roça", "lenhador", "pescador", "horticultor").[2]

II — *trabalhadores assalariados das áreas urbanas e suburbanas, incluindo cidades e vilas, de origem rural* ("catapapel", "carregador em feira", "em circo", "garrafeiro", "em pôrto de areia", "em olaria", "poceiro", "faxineiro", "servente", "trabalho braçal", "qualquer serviço", "ajudante de caminhão", "ajudante", "carregador", "entregador").[3]

atividades industriais

Zona urbana I — *trabalhadores e operários assalariados diversos* ("servente de pedreiro", "pedreiro", "padeiro", "forneiro", "encanador", "ajudante de encanador", "ferreiro", "pintor". "caiador", "ajudante de carpinteiro", "carpinteiro", "marceneiro", "soldador"" "eletricista", "mecânico-eletricista", "auxiliar de mecânico", "serralheiro", "tratorista", "motorista", "torneiro mecânico", "mecânico", "meio oficial ajustador", "maquinista", "auxiliar de fiação", "prensista", "ajudante de encadernador", "tapeceiro", "tapeceiro-estofador", "tecelão", "aprendiz", "operário", "ajudante de matadouro", "em frigorífico", "em oficina", "em fábrica", "industriário").

[2] As atividades reproduzidas aqui *entre aspas*, nos quadros IV e V, são a cópia das declarações existentes nas fichas; não as alteramos "tècnicamente" porque elas refletem a consciência do modo de produção e dos processos sociais — divisão do trabalho, secularização da cultura e do comportamento, urbanização etc. — por parte dos entrevistados, critério que também foi usado para nossa classificação.

[3] Classificados em zona rural, também em virtude de a consciência manifestar, freqüentemente, nos históricos dos casos, formas vigentes em áreas pré-industriais.

Digitalizado com CamScanner

II — *pequena indústria* ("proprietário de oficina mecânica").

Atividades comerciais

Zona urbana I — *assalariados* ("aprendiz de jornaleiro", "entregador", "empregado de empório", "comerciário", "balconista").

II — *pequeno comércio* ("ambulante", "vendedor de bilhetes", "vendedor por conta própria", "comércio em feira", "vendedor de livros", "comerciante").

Artesanato

Zona urbana I — *produtor individual* ("sapateiro", "alfaiate").

Serviços

Zona urbana I — *não-assalariados* ("lavador de carros", "engraxate", "jardineiro").

II — *assalariados* ("carregador", "office boy", "cobrador", "cobrador de ônibus", "cosinheiro", "datilógrafo", "contador", "secretário", "bancário", "funcionário público", "auxiliar de escritório", "desenhista", "professor", "motorista", "copeiro", "ajudante de cosinha", "faxineiro", "ascensorista", "guarda-particular", "guarda-civil", "miliciano da Fôrça Pública", "enfermeiro", "prático de farmácia", "prático de enfermagem", "balanceiro").

QUADRO V

Atividades pré-industriais — *Feminino*

Zona Rural I — *trabalhadores assalariados do campo, lavradores pobres e economia de subsistência* ("na lavoura", "na roça", "lenhadora").

II — *trabalhadores assalariados das áreas urbanas e suburbanas, incluindo cidades e vilas, de origem rural* ("em olaria", "cata-papel").

Atividades industriais

Zona Urbana I — *trabalhadores e operários assalariados diversos* ("aprendiz", "costura para fábricas", "tecelã", "arrematadeira", "costureira", "operária").

Digitalizado com CamScanner

Atividades comerciais

Zona Urbana I — *pequeno comércio* ("feirante", "doceira", "ambulante", "por conta própria").

Artesanato

Zona Urbana I — *produtor individual* ("doceira").

Serviços

Zona Urbana I — *assalariados* ("serviços diversos", "ajudante", "limpeza", "empregada", "doméstica", "lavadeira", "passadeira", "faxineira", "cosinheira", "pagem", "trabalho braçal", "escriturária", "datilógrafa", "balconista", "enfermeira", "contadora", "professôra", "servente", "polícia-feminina").

Nos Quadros IV e V, acima, não acrescentamos os dados obtidos na tabulação das atividades ocupacionais, para não sobrecarregar a leitura. As atividades mais freqüentes foram as que surgem sob os títulos de "servente de pedreiro" (20,6%), "lavrador" (13,8%), "operário" (12,6%), "servente" (7,9%), "pedreiro" (7,9%), "motorista" (3,8%) e um grande número de trabalhadores e operários diversos. Para os elementos do sexo feminino, "doméstica" (57,4%), "lavadeira" (15,7%), "operária" (6,8%), "costureira" (5,9%), "lavradora" (2,2%), "pagem" (1,5%) etc.

Os dois setores da economia mais freqüentes na amostra foram os das *atividades pré-industriais, trabalho assalariado*, conforme nossa classificação, e êsse foi o motivo determinante da orientação deste trabalho, uma vez que a freqüência dos demais setores é pequena e não permitiu um aproveitamento seguro dos dados.

As categorias ocupacionais classificadas incluem, não só adultos — homens e mulheres — mas também jovens e crianças, que encontramos trabalhando, inclusive em oficinas e fábricas, desde os 11 anos (meninas) e 12 (meninos).

Os segmentos da população proletária, além do que chamamos *pobres do campo*, prendem-se, em sua maioria, quanto ao gênero de emprêsa, ao trabalho em emprêsas privadas, sendo a porcentagem dos setores estatais mínima. A maior parte dos trabalhadores e operários é a que trabalha na pequena, média e grande emprêsa da construção civil, como ponto de referência constante, e nas pequenas oficinas mecânicas e de material elétrico; com bem menor porcentagem aparece

Digitalizado com CamScanner

o trabalho nas médias e grandes emprêsas fabris de vários tipos (siderúrgicas, metalúrgicas, têxteis, de alimentação, gráficas etc.).

O Êxodo Rural: os Pobres do Campo

Segmentos classificados como Zona Rural e que abrangem: I — trabalhadores assalariados do campo, lavradores pobres e economia de subsistência; II — trabalhadores e operários assalariados das áreas urbanas, incluindo cidades e vilas, de origem rural.

A maneira de o adventício rural se inserir na estrutura do mercado de trabalho urbano-industrial de São Paulo é fenômeno muito complexo e variado, dependendo de inúmeros fatôres. O simples fato de vir do campo não determina por si só o ingresso, necessàriamente, nas faixas pré-industriais, de menor produtividade e com pequeno índice de divisão do trabalho. Tudo dependerá do grau de recursos de que dispõe, da área sócio-econômica de que procede, dos traços culturais que traz consigo, das experiências profissionais anteriores, do conhecimento de técnicas de ajustamento urbano — como ler, escrever, contar etc. —, da consciência que elabora dos processos em que se vê envolvido, da maneira como está mais ou menos apto para enfrentá-los, da rapidez com que o consegue e de um grande número de outras variáveis.

Levando em conta essa complexidade, nosso critério toma, como pontos de referência básicos, de um lado, na origem, a estrutura agrária em lenta transformação — transformação essa que é uma das determinantes do êxodo rural — e, de outro, o grande centro industrial em desenvolvimento e expansão, pólo dinâmico da sociedade moderna emergente.

As Determinações de Origem

Em 1963, uma família que residia em Minas Gerais, região de Montes Claros, trabalhando em regime de "meia", abandonou o lugar, vindo em direção a São Paulo. O chefe da família informou na entrevista que haviam deixado a terra onde nasceram porque as condições de trabalho lá eram muito ruins e que, "quando não atingia o combinado, tinham que entregar tudo ao dono das terras". Vieram para São Paulo "porque era melhor". Em março dêsse ano, depois de vaguearem

Digitalizado com CamScanner

pelo interior paulista, detiveram-se em Rancharia — zona da Sorocabana — e trabalharam na colheita de algodão, de sol a sol, durante dois meses, recebendo Cr$ 200 por arroba. Findo o serviço, ajeitaram-se em regime de "meia", simultâneamente com o trabalho para o preposto de um fazendeiro da região, residente na Capital, remunerado à base de Cr$ 700 por dia, até junho do mesmo ano. Tendo ficado devendo, nada puderam aproveitar do que plantaram, pois "o dono tomou".

Ainda nessa região, trabalharam arrancando pé de café, para a transformação da área em pasto, a Cr$ 5 por pé, durante um mês. Prestaram vários serviços — consertar cêrca, fazer acêro etc. — a Cr$700 por dia, de junho a janeiro de 1964, recebendo só uma parte em dinheiro. Depois, começaram a preparar um trato de terra para o plantio de uma variedade de capim, de que a metade seria sua — não terminaram o serviço e ficaram devendo. Isto, de janeiro de 1964 a julho.

Foi então que resolveram vir para a Capital.

Inicialmente, ajeitaram-se em Boi-Mirim, Santo Amaro, distante "duas conduções da cidade". Ficaram durante vários dias na casa de uma pessoa que haviam conhecido em Rancharia, sem despesas. No entanto, regressando o dono-da-casa, alugaram um cômodo, próximo — Cr$ 5.000 de aluguel, sendo que o primeiro mês iria vencer no dia 4 de novembro e para o que não tinham dinheiro algum.

Dos apontamentos consta a afirmação de que: a vida aqui, na Capital, era difícil, mas que nunca mais queriam ouvir falar de voltar outra vez para "a roça", apesar de, comparando, acharem que "em São Paulo é melhor" do que em Minas Gerais, de onde haviam vindo.

Tudo isto ocorreu no espaço de cêrca de 18 meses.

Êste caso, relatado aqui em alguns de seus pormenores, reflete, através de uma experiência particular, um dos aspectos da situação em que se encontram alguns segmentos de trabalhadores rurais (semi-proletários), cujas atividades nómades oscilam entre formas capitalistas e pré-capitalistas de produção.

Em junho de 1964, componentes de uma família que reside e trabalha em uma fazenda do norte do Estado do Paraná, vieram à Capital, que já conheciam, com a finalidade de buscar tratamento médico para um de seus membros, retornando, depois.

Êste caso retrata uma situação diferente da anterior. Enquanto naquele se trata da primeira experiência urbano-industrial, a partir do êxodo rural, neste, a família está organizada na zona rural, onde reside e trabalha. A vinda a um centro industrial, além de denotar a existência de um vínculo a essa situação (através do conhecimento dos recursos existentes), reforça êsse vínculo, assim como estabelece con-

Digitalizado com CamScanner

dições de comparação repetida entre dois meios sócio-econômicos diferentes e, ainda, pode introduzir modificações culturais e no comportamento dos indivíduos em contato. Pode ocorrer que certos componentes da urbanização, secularização da cultura e do comportamento e industrialização, que os engloba, sejam lentamente assimilados pelos indivíduos, que se transformam, então, em agentes sociais espontâneos das transformações estruturais em curso.

Assim, a ausência de recursos médicos no lugar de origem obriga os interessados a virem à Capital, onde tomam contato com o desenvolvimento econômico e social urbano.

Nos casos de indivíduos já radicados no centro urbano, quando a situação se agrava muito, surge a expectativa de retôrno: "... pretende retornar ao interior, para trabalhar na lavoura, pois seu marido está parado há 4 semanas. Está com o terreno atrasado três meses e sem possibilidade" — as afirmações revelam a origem rural e o grau de penetração dos processos sociais urbanos, sendo a base objetiva do projeto o desemprêgo temporário. Mas, poderá encontrar as mesmas condições anteriores, que o levaram a abandonar "a lavoura" e tudo tenderá a recomeçar.

Outro aspecto, entre os já mencionados nos casos acima, que lança luz sôbre o caráter quase permanente dessa mobilidade social, é aquêle no qual a mudança de área sócio-econômica pode não causar choques muito profundos, por duas razões principais: de um lado, já se trata de "lavradores" que perderam os seus meios de produção (semiproletários) e, de outro, já existe a experiência do trabalho assalariado "livre" na área de que provêm.

Há ainda casos em que os recém-vindos trazem consigo um pequeno pecúlio, acumulado com sacrifícios, destinado à aquisição de um terreno, ou pagamento de primeiros aluguéis etc. Já há, aqui, um grau mais profundo de integração com a economia urbana.

O fato é que uma das determinações básicas do êxodo rural em São Paulo, senão a fundamental, parece ser, ao lado da concentração da propriedade fundiária, de um lado, a penetração de processos urbano-industriais no campo (particularmente tecnologia avançada que dispensa mão-de-obra), o que implica na gradual modificação das relações de produção existentes e, de outro, a permanência de relações jurídicas e formas de propriedade tradicionais, causa da geração de conflitos e tensões sociais, que, por vêzes, assumem formas radicais, provocando o aparecimento de movimentos reivindicatórios e de lideranças. Em muitos casos, os fenômenos econômico-sociais ganham expressão política.

Digitalizado com CamScanner

A não solução dêsses conflitos e tensões provoca efeitos desorganizadores na estrutura familiar, como no seguinte caso: "a família trabalhava no Paraná, na colheita de café; a mulher veio para São Paulo com o filho menor, para tratamento de saúde e não deseja voltar mais para o campo; o filho mais velho abandonou o lar; duas filhas estão morando e trabalhando com outras famílias; um dos filhos ficou com o pai no Paraná". Este é um aspecto da transformação do camponês em semiproletário ou proletário através da desorganização dos laços que unem os membros do grupo, lançando-os abruptamente no mercado de trabalho.

Se a contradição apontada acima parece constituir o elemento fundamental do aparecimento do "movimento camponês", no caso de São Paulo, o êxodo preferentemente em direção à capital poderia explicar-se porque, nesta, a luta pelos direitos trabalhistas e a justiça social de um modo geral constituem outros elos dêsse movimento migratório, pois sempre encontrou defensores que lhe assegurassem a vigência, há anos, ao passo que no campo os *pobres do campo* continuam jurìdicamente marginalizados, até hoje. Naturalmente, nestes casos, pode existir um princípio de consciência das próprias condições de vida, em formação, estando, ou secularizadas, ou em vias de abandono, as explicações de caráter mágico-religioso para os próprios infortúnios.

Está incluída aqui, também, a consciência da existência e das dimensões do mercado de trabalho, como neste caso: "A família procede do Paraná, onde trabalhava na lavoura; vieram para São Paulo (Capital) para conseguir emprêgo. A espôsa é doente e seus três filhos são menores e dependentes; o chefe está desempregado; estão morando com uns parentes, de favor". Ou, como em outro caso, — vieram para São Paulo "para ganhar melhor".

A mobilidade social, no interior das áreas rurais, que constatamos na época da pesquisa, fazia-se, ao mesmo tempo, em várias direções: em busca de trabalho na colheita de café e cana; atrás da prestação de serviços nas áreas onde tem ocorrido a substituição do café pela pecuária (gado vacum); em direção das áreas de agricultura de subsistência; do trabalho em áreas "novas" (algodão, amendoim, trigo, frutas e outras lavouras de camponeses médios e ricos); do trabalho assalariado por dia, de qualquer modalidade, e, também, de um setor para outro, sucessivamente.

Assim, a busca do trabalho no grande centro industrial nem sempre constitui a única opção, podendo ser concebida como apenas a procura de uma das áreas de emprêgo de mão-de-obra existentes no Estado e ponto de referência.

Digitalizado com CamScanner

Podem ocorrer, também, como causa de mobilidade, fatôres ocasionais para o êxodo, como foi o grande incêndio no norte do Paraná, no segundo semestre de 1963, que motivou o aparecimento na Capital de grande número de trabalhadores rurais diversos.

É preciso lembrar, por outro lado, que a consciência da existência de um relativo anonimato, possível de se verificar "na cidade grande", permite a fuga às condições de exploração e opressão, sob várias formas.

As Tentativas de Fixação

Para uma parte da massa de *pobres do campo* que acaba de chegar, em particular para os que procedem de regiões muito atrasadas, São Paulo espanta, em especial quando — como é o caso muito freqüente — o recém-chegado desce do trem, no centro, abruptamente, numa das grandes estações.

O fenômeno que o surprende inicialmente é a dinâmica da grande cidade — a luta pela sobrevivência — muito diferente daquela na origem. Êle aparece sob a forma exterior do movimento intenso dos pedestres, do trânsito rápido e dos ruídos e barulhos estridentes e contínuos. Reduzido a condições de miséria física e mental, na região nativa, tem que se habitar ràpidamente a um mundo que lhe parece estranho, objetivado desde logo nas figuras urbanas desconhecidas do "patrão", do "empreiteiro", da "polícia", dos "achacadores" de vários tipos, do *lumpem* etc.[4] Está sujeito também à incidência do que pode-

[4] Na Europa e, em particular, na Inglaterra, durante o século XIX, os terríveis efeitos da industrialização, ocorrida sob o Estado liberal, geraram — como é sabido — o aparecimento de uma escória humana nas grandes cidades e que foi caracterizada pela sociologia clássica como lumpem-proletariado (*lumpem,* o mesmo que *lazzaroni* etc., quer dizer desgraçado, desclassificado, vagabundo, "gente sem eira nem beira"). Formada pelos grupos humanos que viviam das sobras da sociedade, compunha-se de gatunos, delinqüentes, anormais, mendigos, prostitutas, traficantes de vícios etc., e foi utilizada várias vêzes pelas fôrças do atraso social, contra os próprios operários, de onde provinham em parte, através da pauperização absoluta e dos efeitos desastrosos das crises cíclicas do sistema capitalista.

Muitos dêles, por outro lado, participaram das primeiras lutas sociais ao lado do proletariado moderno.

No Brasil, país subdesenvolvido, em processo de industrialização, o fenômeno também ocorre nas grandes cidades industriais, mas não conhecemos nenhum estudo a respeito.

Digitalizado com CamScanner

ríamos denominar patologia social urbana, que os jornais estampam com regularidade; tais são os acidentes com o tráfego nas ruas, as mutilações profissionais de vários tipos, o desenvolvimento de conduta marginalizada etc.; também, tuberculose, psicopatias várias, invalidez parcial ou completa, cardiopatias, cegueira, alcoolismo, surdez, varizes, hérnias, asma, derrame cerebral, reumatismos etc.

Em grande parte, a adaptação às novas condições de vida é um processo de aprendizagem que é preciso efetuar logo, em circunstâncias muito desfavoráveis. E tem início, então, a "exploração" do mercado de trabalho, com a tentativa necessária do aproveitamento de tôda a fôrça de trabalho disponível. A pressão das condições adversas leva a que a família utilize-se de todo o seu potencial para sobreviver, com o emprêgo, muito cedo, das meninas — arrumadeira, pagem, limpeza etc. — e dos meninos — recados, ajudantes diversos, aprendizes de ofício etc. —, com baixa remuneração ou nenhuma e à margem de qualquer legislação.

Essa utilização plena da fôrça de trabalho disponível, diversificada, tem um significado de valor quase estratégico: permite uma rápida aprendizagem e assimilação das novas condições de vida. Entre vários casos estudados, citamos o exemplo de uma família de 13 pessoas — o que é comum, pois a média encontrada de membros da família foi de seis — que, depois de seis meses, estava assim organizada: dois casos de afazeres domésticos, um tecelão, um servente de pedreiro, o chefe, lavrador, desempregado, cinco crianças na escola e três em idade pré-escolar.

O fato de que na origem tôda a família se dedicava à atividade produtiva, favorece o ingresso conjunto no mercado de trabalho urbano, sem o preconceito contra o trabalho braçal, proporcionando, às vêzes, uma remuneração muito superior à que poderiam receber com o trabalho "na lavoura".

Entre as atividades pré-industriais, que constituem formas acessíveis, imediatamente, dados os mínimos requisitos que exigem, estão, entre outras (como cata-papel, carregador, faxineiro, garrafeiro etc., e outras várias formas de expedientes temporários), o trabalho em sítios, chácaras, em pôrto de areia, em olarias e a "profissão" de poceiro. Para as mulheres, principalmente a "lavagem de roupas para fora". Tôdas elas guardam vínculos funcionais entre si e com formas aprendidas ou já conhecidas no campo. É uma decorrência mais ou menos natural.

Eis uma das formas possíveis de transição: "Família procedente do interior, onde trabalhavam como volantes. Dois filhos (os mais

Digitalizado com CamScanner

velhos) não vieram. Estão há 30 dias na Capital. O marido tem feito biscates: cata-papel, poceiro etc. O filho de 13 anos também."

O trabalho em *pôrto de areia* se resume na tarefa de tirar a areia do banco (de areia) amontoando-a e encher o caminhão ou outro meio de transporte. Pode fazer parte, também, como um seu prolongamento, a atividade de "ajudante de caminhão", para descarregar a carga na "obra" (construção civil).

As *olarias* de que tratamos aqui constituem um grande número de pequenas emprêsas, situadas ao redor da Capital, onde subsiste um sistema de vida e de organização do trabalho em moldes quase pré-capitalistas, com a família tôda trabalhando ao relento, de sol a sol, sem legislação trabalhista a ampará-la (e que nem sempre conhece) e recebendo por serviço executado. Têm casa para morar, precária, no próprio local. Não dispõem de nenhum ou muito pouco tempo disponível para outros afazeres, a não ser nos dias de chuva, quando, por outro lado, não podem trabalhar na olaria e nada recebem, pois ganham por milheiro de tijolo batido, a céu aberto.

Em 1963 visitamos uma delas, próxima a Cotia, situada à beira de uma estrada variante. A certa altura toma-se por uma verdadeira "estrada da roça", mal transitável por automóvel, e chega-se a uma porteira de fazenda. A olaria situava-se num terreno plano e consistia na casa do administrador — ou dono —, no fôrno e no terreiro, rodeado de pequenas casas de tijolos exposto e de chão de terra batida. A residência da pessoa que procurávamos consistia de dois cômodos e "cozinha", com condições precárias de moradia. Nêles, dois estrados, à guisa de cama e alguns utensílios.

A atividade de *poceiro* é uma das mais antigas dos centros urbanos, pois liga-se ao próprio surgimento e desenvolvimento das vilas e cidades. No caso em questão, verificamos a existência regular dessa atividade, com alguma divisão do trabalho e de um modo específico. O desenvolvimento ininterrupto da urbanização, ao redor da Capital, ao lado da verdadeira "indústria" de loteamentos da periferia — fenômeno que tem sido apontado por urbanistas como um dos problemas mais agudos da cidade — fazem com que seja uma atividade estável (embora intermitente) principalmente em razão da demora dos serviços públicos em atingir os novos e numerosos "parques", "jardins", "vilas" etc.

A *"lavagem de roupa para fora"* é uma atividade que se prende diretamente à anterior, nos casos que examinamos. Assim, na procura de lugar para morar, o poço é fator de valorização: "os planos é construir um cômodo e cozinha no terreno e passar a morar, mas informou-nos que não tem poço e necessita de auxílio financeiro para

Digitalizado com CamScanner

perfurá-lo". A atividade é exercida em razão da extrema pressão financeira: é preciso lavar roupa para comprar o pão e o alimento diários; os ácidos que o sabão contém arrebentam as mãos e produzem infecções nas pontas dos dedos, impedindo o exercício da própria atividade necessária ao sustento.

Esta ocupação pode ser exercida também a domicílio e, caso muito comum, é o "trabalho por dia".

Quanto aos *expedientes* que citamos, êles são apenas algumas das inúmeras formas que assume o problema dos excedentes de mão-de-obra em São Paulo. A incapacidade de absorção por parte do mercado de trabalho e a existência de uma política de desvalorização da fôrça de trabalho, visando manter a oferta maior do que a procura, parecem ser duas das causas principais. (Durante o período em que trabalhamos no local da pesquisa a orientação era a de favorecer a entrada de mão-de-obra no Estado e de dificultar ou impedir sua saída).

Tôdas as atividades de que falamos até aqui são acessíveis aos *pobres do campo,* em virtude do extremo atraso cultural e técnico de que são portadores, sendo obrigados à execução dêsses serviços de muito baixa remuneração e produtividade, embora esta possa ser suprida, em parte, pela quantidade de braços empregada, nos casos das emprêsas com capital suficiente disponível, ou de obras públicas.

O problema apresenta dois ângulos: de um lado, são atividades que não requerem nenhuma aptidão especial e são de muito baixa produtividade *nas condições em que são exercidas;* de outro, isto é fator de desvalorização do trabalho físico, pois a remuneração conseqüentemente é muito pequena. Adquirem, por isso, aos olhos das camadas mais favorecidas, a característica de atividades "marginais". Tal é o caso da atividade de *faxineiro,* por exemplo, muitas vêzes compreendida como forma de assistência particular ao desemprêgo.

Nesta faixa de subemprêgo, o não pagamento de salário mínimo constitui prática generalizada. Uma das razões pode ser a mesma apontada acima: a disparidade que existe entre o excedente de mão-de-obra — que faz baixar o valor real médio da fôrça de trabalho — e a fragilidade econômica e financeira das pequenas e médias emprêsas as quais absorvem parte dêsse excedente, mas não pagam o salário de lei, seja porque não gozam de favores fiscais, nem de crédito bancário regular, em virtude de sua baixa rentabilidade como "negócio" para o capital financeiro, seja porque a fiscalização trabalhista nem sempre as atinge, dada sua quantidade e dispersão, sem contar a prática corrente do subôrno. Naturalmente, há a exploração intencional e violenta das condições precárias de uma mão-de-obra que nem sempre

Digitalizado com CamScanner

sabe defender-se com eficácia e que se encontra em situação de ascensão social, em relação à origem rural.

Muitos dos lavradores pobres chegam a São Paulo com um pequeno pecúlio, amealhado com extremos sacrifícios. Aqui, são levados freqüentemente ao emprêgo dêsse capital na entrada da compra de terreno na periferia, confiantes em que — segundo a propaganda — arranjarão prontamente emprêgo. Acabam muitas vêzes não podendo continuar a pagar as prestações, perdendo judicialmente o terreno. Outras, por falta de orientação, perdem a propriedade recém-adquirida em virtude da natureza absurda dos contratos que "assinam".

Outra maneira de êsse pecúlio se esvair ràpidamente é o interessado, quando é o caso, envolver-se com intermediários para obter a documentação necessária à sua vida na Capital (identidade, carteira profissional, carteira de saúde, certidão de casamento, certificado militar, registro dos filhos etc.). Há um mercado de documentos organizado, de espoliação dos que não se encontram preparados para enfrentar essa situação.

Assim, através de grande número de dificuldades, os *pobres do campo* começam a se orientar no grande centro urbano industrial. E, se são obrigados a enfrentar de início os seus aspectos menos favoráveis, vão, aos poucos, conhecendo também seus lados positivos, que o tornam a meta preferida do êxodo rural. Não que as dificuldades desapareçam, mas, ao contrário dos momentos iniciais, as esperanças de melhoria de vida passam a se objetivar em projetos realizáveis a curto prazo.

Estão neste caso *a escola* primária e *o terreno*. Para alcançar êsses dois objetivos, os sacrifícios são extremos — inclusive a situação de privação e fome. A par das influências ideológicas urbanas, a motivação revela, nos casos estudados, a origem rural: ser analfabeto e não possuir terra, no campo, são sinônimos de miséria e exploração; *saber disso,* por outro lado, pode corresponder a um certo grau de consciência de direitos humanos.

A luta para dar instrução primária aos filhos esbarra sempre em dois obstáculos principais, depois de vencida a barreira da falta de vagas, e que são preciso vencer: ou o custo do material escolar, uniforme etc., ou a necessidade de tirar o menor da escola, seja porque esta pressiona para que sejam atendidas as exigências legais, seja para que o menor comece logo a trabalhar, ajudando na subsistência.

Saber ler, escrever e contar — pelo menos — são requisitos mínimos para se enfrentar oportunidades de trabalho mais bem remuneradas. Êles permitem, também, o início de uma autodefesa mais eficiente contra as condições de opressão e exploração e valorizam a

Digitalizado com CamScanner

fôrça de trabalho. Naturalmente, existe a tentativa de "adquirir" também o ginásio, mas os êxitos são raros, nesta faixa que examinamos.

A compra do terreno a prestação, no caso dos elementos paupe-
rizados provenientes do campo, e em relação à primeira geração ("la-
vrador"), sugeriu-nos o seguinte: essa compra — com a utilização do
mesmo para o plantio de algumas verduras e legumes sem finalidade
comercial, muitas vêzes, apesar de situar-se em zona de rápido pro-
cesso de urbanização e não fazer parte do chamado "cinturão verde"
— pode ser encarada como uma das formas possíveis de realização
da posse da terra que, no presente caso, realizar-se-ia em condições de
envolvimento por um mercado de trabalho urbano-industrial, que de-
senvolve elementos de transformação e reorientação das atividades hu-
manas, muitas vêzes incompatíveis com aquêle traço da "ideologia cam-
ponesa". Os loteamentos da periferia da cidade e do município esta-
riam desempenhando uma dupla função: a de fazer perdurar a cons-
ciência camponesa, em meio urbano-industrial, dificultando a trans-
formação do "lavrado" em trabalhador assalariado e, ao mesmo tem-
po, permitindo um ajustamento menos brusco às novas condições de
vida, através da segunda geração (filhos estudando), em direção às
oportunidades oferecidas pelo capital, ou pelo trabalho, no sistema ca-
pitalista em desenvolvimento na área.

Eis, por exemplo, dois casos: "compraram terreno na periferia da Capital, num dos inúmeros loteamentos existentes, novos"; diz a ficha que "a família tem se mantido de pequenas rendas do que planta o chefe, *na rocinha* onde moram"; o outro caso é o seguinte: "A família reside em um barraco em Diadema. A casa é de pau a pique. Quase todos os membros da família são doentes. Estão em tratamento. Compram terreno à prestação; a mulher está grávida. Vivem da ajuda de terceiros. Foi ensinada, por pessoas do lugar, a *fazer plantio de verduras e frutas, pois, há espaço cedido por vizinhos, para se fazer uma horta*". (os grifos são nossos)

Assim, às vêzes, o "terreno" é objetivo indireto; freqüentemente, é meio imediato para construir o "barraco da gente". Em alguns casos, a Prefeitura "permite" a construção de habitações em áreas urbanas e suburbanas de sua propriedade; é também muito encontrada a cessão por particulares, inclusive o próprio "patrão". Ali, não pagam aluguel, tomam conta do terreno e, em alguns casos, devem pagar apenas os impostos e a luz.

A luta pela propriedade, tal como é descrita aqui, é forte e objetiva motivação dos *pobres do campo*. Naturalmente, se "o govêrno" (o Estado) é visto como entidade que "deve acudir a pobreza", sur-

Digitalizado com CamScanner

gem casos como o dêste pedido: "Espera ser atendido porque é a única maneira de poder morar no que é seu".

As habitações construídas nesses terrenos são de extrema precariedade, no que diz respeito às conseqüências para a saúde e a higiene, estando seus moradores sujeitos à ocorrência de diversos males e flagelos, dos quais citamos aqui apenas dois dos mais significativos: nas épocas de chuva, *a inundação,* com repercussões sérias sôbre a saúde e a própria habitação, e *o incêndio,* mais comum do que se supõe, e de origem, ou criminosa, ou da má utilização de velas, lampeões a gás, querosene etc., na ausência de iluminação elétrica.

Lembramos aqui que esta situação não se refere às favelas da Capital, embora com estas guarde certas semelhanças.

Traços Ideológicos e Objetivos Sócio-Culturais

Entre os elementos dinâmicos da ideologia dos que chamamos *pobres do campo,* recém-chegados em área urbano-industrial, apontaríamos a "luta pela posse da terra", objetivada na tentativa de compra do terreno à prestação, e a "luta contra a própria ignorância" (analfabetismo), objetivada no esfôrço para dar a instrução primária aos filhos — como os principais. Como já vimos, êles são elementos muito valorizados nas condições de origem e redefinidos nas condições novas, como traços das ideologias que giram em tôrno da "industrialização", do "progresso" etc.

A maneira como ocorre a objetivação das necessidades e a sucessiva redefinição dos objetivos varia em função de muitos fatôres, por exemplo: do fato de que parte da família permanece "na roça" e parte está residindo "na cidade", com o permanente intercâmbio de maneiras de sentir, pensar e agir, permutando traços culturais e valôres; das condições de emprêgo de "doméstica", dependendo dos traços culturais e ideológicos da família do "patrão", podendo ocorrer, tanto um refôrço da motivação, como um desvio dela para outros fins; da área sócio-econômica em que se estabelece a família na Capital; de acidentes ocasionais, como neste caso: "SANDU — Atesto, para os devidos fins, que o sr. (...) está incapacitado para exercer qualquer serviço pesado, por motivo de acidente sofrido no braço esquerdo, quando trabalhava como lavrador. Sendo que o mesmo poderá exercer funções de natureza leve, como ascensorista, guarda, etc. — São Caetano do Sul" — e muitos outros.

Digitalizado com CamScanner

Os casos de choques e conflitos de conceitos, valôres etc., são muito comuns, principalmente quando a família se distribuiu variadamente em relação à estrutura ocupacional existente. Nestes casos, a resultante é difícil de precisar. Muito parece depender do grau de secularização da cultura e do comportamento que tiverem sido alcançados, já superada a permanência de elementos mágicos e religiosos para a explicação da realidade. Mas, isto parece não ser o mais comum e, sim, o sincretismo ideológico, ao lado do religioso.

Tôdas estas manifestações, polarizações e influências têm, no entanto, como base objetiva e reguladora, aquelas duas necessidades fundamentais: o terreno e a instrução, que devem ser primàriamente atendidas, ambas, por meio de um aproveitamento racional intenso da fôrça de trabalho disponível.

Atividade Ocupacional Segundo a Geração

Em relação aos tipos de casos examinados aqui e que incluem: trabalhadores assalariados do campo, lavradores pobres, economia de subsistência e trabalhadores e operários assalariados das áreas urbanas e suburbanas, incluindo vilas e cidades, de origem rural — que denominamos *pobres do campo* — encontramos os seguintes tipos de colocação profissional, segundo duas gerações, a primeira como referência, com incidência variável:

QUADRO VI

Na origem: "lavrador", "na lavoura", "na roça", "lenhador", "pescador", "horticultor".

No centro urbano

1.ª geração: faxineiro, poceiro, feirante, oleiro, em pôrto de areia, ajudante de oficina, tapeceiro-estofador, servente de pedreiro, pintor, "servente".

2.ª geração: pedreiro, entregador, servente de pedreiro, padeiro, balconista, oleiro, poceiro, "operário", "industriário".

(em muitos casos filhos estudando na escola primária)

Nota — O tipo de ocupação urbana varia muito em relação ao número e gênero de aptidões dos recém-vindos: freqüentemente, a identidade profissional (carteira de trabalho) esconde um nível muito baixo de produtividade. A grande valorização da industrialização, no período que exa-

Digitalizado com CamScanner

minámos, sendo a indústria o setor mais dinâmico da economia brasileira, fêz gerar uma ideologia progressista, objetivada nos salários mais altos e no relativo cumprimento da legislação trabalhista, em comparação com o passado, o que pode explicar a contradição aparente entre as condições reais e a consciência dessa situação.

A Formação da População Urbana: o Povo Trabalhador

Segmentos incluídos em Zona Urbana, abrangendo trabalhadores e operários diversos, principalmente da construção civil, oficinas mecânicas e de material elétrico, marcenarias, oficinas de concertos e reparos, oficinas de pintura e algumas fábricas. Na categoria acima não estão representados os trabalhadores vinculados especificamente aos médios e grandes empreendimentos industriais modernos, que estão classificado sob outra forma.

O que chamamos aqui *povo trabalhador* situa-se a meio caminho entre os *pobres do campo* e a *classe operária*. E isto não é apenas uma caracterização de natureza formal. Sendo formado em grande parte por semiproletários, constitui-se num elo natural entre os primeiros e a última. Representam o que pode ser tido como a base espontânea da "aliança operário-camponesa" na área examinada. Assim, com efeito, em São Paulo, uma das formas de esta se realizar é a presença, nas áreas urbanas e suburbanas, de enorme contingente vindo do campo e que, ou se constitui numa população de pequenos sitiantes, chacareiros etc., ou se liga ao parque fabril. Talvez aqui resida a explicação de por que o recém-chegado consegue, freqüentemente, adaptar-se com rapidez à produção industrial — já existe um caminho social aberto a técnicas de rápido ajustamento. "O trabalhador brasileiro assimila com extraordinária rapidez e facilidade", dizem os industriais e seus porta-vozes.

Formação e Características Gerais

Este segmento dos trabalhadores de São Paulo, se comparado com o que denominamos *pobres do campo*, em relação ao fenômeno migratório, é mais estável, no seu conjunto, embora muito heterogêneo e mais diferenciado quanto à divisão do trabalho, que alcança maior complexidade. Na maior parte das vêzes êle se forma com o ingresso daqueles; ou, então, recebe elementos pauperizados da *classe operária*

Digitalizado com CamScanner

e mesmo das *camadas médias*, seja por razões ocasionais, seja em virtude de conjunturas econômicas desfavoráveis, seja, ainda, por ocasião de épocas de depressão. Naturalmente, quando isto se dá, êle constitui o estrato urbano que mais se ressente. Contudo, não há a volta à condição de *pobres do campo*, senão como exceção. Por exemplo: "1-9-59 — Quanto a seu marido, informou que trabalha como ajudante de caminhão, porém ganha pouco e ela está à espera de alta médica para poder trabalhar. 2-5-60 — Está com o marido doente, recebeu alta a semana passada (foi operado da bexiga) na Santa Casa — ela é doente (tumor no útero) em tratamento no H.C... Residem em barraco de sua propriedade — está atrasado nas prestações há um ano Cr$ 525 mensal. Seu marido recebeu alta hospitalar — está sem roupas e tem passado frio por não terem com o que se agasalharem. Não recebem pensão, vivem de auxílios do público — seu marido era lavrador — e nesta capital era servente de pedreiro ganhando Cr$ 15 por hora. 8-4-63 — Família em situação econômica precária em virtude do desemprêgo do sr. (...), doente em tratamento na Santa Casa. O filho de 15 anos trabalhava na fábrica de malas, devido doença foi despedido. Dona (...) trabalha para sustentar a família, como costureira em uma fábrica, percebendo de Cr$ 2.500 a Cr$ 3.000 cruzeiros. Moram em uma casa de tijolo, de chão batido, inacabada, de quatro cômodos. A casa foi construída com dificuldades em terreno que compraram a prestação há 8 anos. O seu salário mal dá para a alimentação. 31-7-64 — Situação inalterada. 21-10-64 — Veio solicitar passe para regressar para o interior da Bahia."

O mais comum é uma situação intermediária, instável: "junho de 1964 — Esclareceu (comprovando) que o marido, que é servente de pedreiro, está desempregado há 8 dias. Está procurando colocação. Pelas anotações da Carteira Profissional nota-se que o marido tem facilidade em colocar-se. Paga pontualmente o aluguel (Cr$ .. 5.000) e as suas contas. Os filhos gozam de boa saúde. Ganha o salário mínimo mas o pouco tempo de serviço, na atual colocação, não lhe deu direito à indenização. Como a situação financeira começasse a se desequilibrar, com perspectiva de agravamento, resolveu tomar providências. Tem quatro filhos pequenos. Não sabem o que fazer porque o marido não está conseguindo colocação e o seu trabalho só não dá."

Contrastando com os casos anteriores, citamos outro, no limite superior do segmento, com equilíbrio em relação às condições do mercado de trabalho e organização regular da família: "Março de 1964 — O marido é servente de pedreiro e percebe o salário mínimo; a mulher é operária e também ganha o salário mínimo; têm seis filhos,

Digitalizado com CamScanner

sendo que dois estudando (13 e 10 anos); pagam aluguel Cr$ 5.000 e a receita da família é de Cr$ 84.000."

À medida que os *pobres do campo* transformam-se em *povo trabalhador*, definem-se certas características diferentes das anteriores: a preocupação com a "posse da terra", objetivada na compra do terreno, como vimos, anteriormente, não é tão aguda, notando-se mais os casos de pagamento de aluguel; a questão da propriedade reaparece, mas sob a forma ideológica da "casa própria" que, como tal, é inacessível ao trabalhador, de um modo geral; a preocupação com a escola está muito mais justificada e ligada às exigências do mercado de trabalho, do que à questão do analfabetismo (que também existe); aparece a preocupação com a compra a prestação de utensílios domésticos e bens de consumo duráveis (geladeira, televisão, rádio etc.) e o "trabalho em fábrica" é também valorizado, como pela camada anterior, mas em razão dêstes objetivos e não daqueles.

É preciso não esquecer, entretanto, que o que apontamos aqui são tendências — referentes a uma amostra de população e a um período determinado — cuja realização ou não depende sempre das condições particulares da vida social.

Construção Civil, Oficinas e Outras Atividades

Embora a afirmação tenha que ser testada, em face da recente diversificação do parque industrial brasileiro, tem sido dito que o setor da construção civil é aquêle com maior capacidade de absorção de mão-de-obra no Brasil. São Paulo parece demonstrar a veracidade dessa afirmação. Seja em si mesmo, seja em virtude dos ramos industriais que se voltam para êle, o setor é uma das bases da economia urbana, abrangendo transportes, serrarias, depósitos, olarias, portos de areia, oficinas mecânicas e de material elétrico, fábricas de cal e cimento, fábricas de artefatos de ferro e madeira, metalúrgicas, siderúrgicas, fábricas de peças e ferramentas, vidros, louças, sintéticos e dezenas de outras, sem contar os setores de comercialização e financiamento.

Para os fins destas notas, e determinadas pelo estudo dos casos que examinamos, discernimos três tipos de atividades, definidos pelo "tamanho" do empreendimento: as pequenas construções, de casas particulares, serviços e reparos, com o máximo de um pedreiro e ajudante (s); as construções médias, de casas particulares de alto preço, edifícios comerciais e industriais pequenos e médios, com engenheiro

Digitalizado com CamScanner

responsável, empreiteiro e assalariados; as grandes construções, públicas ou privadas, executadas por escritórios de engenharia e fundações ou por companhias construtoras de vários tipos.

A organização da construção civil, mesmo em São Paulo, como forma de atividade econômica urbano-industrial, admite a incorporação de trabalhadores de baixo nível técnico e cultural — tanto *pobres do campo* como *povo trabalhador*. Isto está relacionado com o nem sempre muito alto padrão de produtividade do trabalho e com o fenômeno da existência de um grande número de "trabalhadores de reserva", sempre aumentando com o êxodo rural. Hoje em dia, parecem ser poucas as emprêsas que possuem muitos profissionais em seu quadro fixo. A maioria é contratada nas condições de mercado, pela lei da oferta e da procura. Assim, se os trabalhadores da construção civil são homogêneos pelas características semelhantes do trabalho profissional e condições de vida, mas heterogêneos quanto à origem, pois não há exigências específicas de habitação técnica e de nível cultural. Acresce que estão extraordinàriamente dispersos pelas áreas urbanas e suburbanas. Se de um lado a atividade absorve parte da massa rural recém-chegada, de outro, ela é olhada como "bico" por uma certa parcela de trabalhadores de outros setores, que percebem normalmente um pouco acima do salário mínimo e que, por vêzes, necessitam ingressar na emprêsa da construção e "pegar no pesado".

A grande maioria dos trabalhadores do setor é constituída pelos *serventes de pedreiro*. O trabalho de servente de pedreiro, por sua natureza de trabalho desqualificado, sem exigências técnicas complexas (trabalho braçal, orientado pelo *pedreiro*) é um dos mais acessíveis às camadas mais pobres da população; em contrapartida, mal remunerado (nem sempre se paga o salário mínimo), no limite da estrutura do proletariado industrial, exercido para manter a subsistência no dia a dia, é trabalho que, pela natureza de suas condições materiais, afeta grandemente a saúde do trabalhador, produzindo alergias, úlceras, furunculoses, hérnias, ferimentos etc., que muitas vêzes inutilizam-no temporária ou definitivamente para êsse tipo de serviços. A luta pela elevação do salário mínimo e pelo comprimento das leis trabalhistas motiva muito êstes trabalhadores, apesar das dificuldades para organizar o setor, em virtude de sua dispersão.

Ao lado do servente de pedreiro, o *ajudante de caminhão* é outro elemento da grande massa de trabalhadores das emprêsas de construção civil. Ele vem a ser aquêle que realiza qualquer serviço em relação à atividade de transporte por êsse meio de locomoção: carregar e descarregar todo o tipo de mercadorias. Neste nível, é ocupação instável e o contratante da fôrça de trabalho pode ser o próprio

Digitalizado com CamScanner

motorista, que, por sua vez, nem sempre é o proprietário do veículo, que pode ser arrendado, ou de propriedade da emprêsa para a qual trabalha e da qual, ainda, pode ser quadro fixo ou não. O ajudante de caminhão pode ter sido antes, tanto o *lavrador*, o *trabalhador em pôrto de areia*, o *oleiro*, o *poceiro*, o *faxineiro*, o *servente*, o *pedreiro*, o *servente de pedreiro* etc., como o *pintor*, o *caiador*, o *carpinteiro*, o *marceneiro*, o *encanador*, o *soldador* etc., como, ainda, qualquer tipo de mão-de-obra especializada ou qualificada que, momentâneamente, se veja em dificuldade. Às vêzes, o "ajudante" já foi anteriormente "motorista" e é procurado, com preferência sôbre aquêle que não sabe dirigir, em virtude de que, estando mais capacitado que o outrô, além dos afazeres normais, ainda pode exercer a atividade de condução do veículo, assim como está mais apto para pequenos reparos e consertos. Dada a precariedade de alguns setores do parque industrial, em função da grande dispersão, e também da maneira como se tem formado a mão-de-obra, êste pode ser um dos caminhos para o ingresso nas pequenas oficinas de reparação e consertos e, daqui, para outros ramos, mesmo metalúrgicas, mecânica e material elétrico pesados. Eis um exemplo de mudança de ofício: "21-3-63 — O marido é pintor, mas não trabalha no ofício, é auxiliar de caminhão". O "pintor", aqui, é o mesmo que *caiador*.

Tanto a atividade de ajudante, como a de motorista, dependem de outras variáveis para ter caráter estável, e há inúmeras maneiras de se tornar impossível a continuidade no ramo profissional. Por exemplo: "29-1-64 — Compareceu solicitando quota de alimentação. Conseguiu emprêgo como motorista da (...) Deve começar dia 30-1-64. Esteve três meses desempregado por motivo de doença. Família numerosa, com oito filhos menores e dependentes. 11-5-64 — Refere que seu marido não conseguiu o emprêgo referido na entrevista anterior. Trabalhou como motorista, posteriormente, mas diz a interessada que as emprêsas não o ficham, devido ao número de filhos e às obrigações legais. Assim foi despedido da firma onde estava trabalhando."

Se para o homem o trabalho de servente de pedreiro constitui a atividade mais acessível ao *povo trabalhador*, para a mulher é a atividade de *doméstica*, com tôda a divisão de trabalho que comporta, executado por dia, ou com a permanência no serviço. A preferência pelo trabalho doméstico *por dia*, pode estar relacionada com o fato de que êle permite que as relações humanas tendam a ser de caráter racional e impessoal, sem a vigência de laços patrimonialistas, com o que é comum a tentativa de envolvimento, para a redução à condição servil, que encontramos redefinida nas áreas urbanas e industriais,

Digitalizado com CamScanner

embora os padrões destas estejam, em tese, em contradição com isso. Num nível mais especializado e bem remunerado está o trabalho em *oficinas* e *fábricas*, pequenas e médias, na primeira e segunda geração. Os casos de trabalho em casa são preferidos, como os serviços de confecção e acabamento para as emprêsas têxteis. A compra da máquina de costura, com o conseqüente esfôrço para sua manipulação adequada, são duas fortes fontes de motivação.

Quanto aos filhos, surgem várias características, das quais apontamos aqui algumas: uma delas é o caso, muito comum, do filho que, em virtude do grau de aprendizagem e instrução que adquiriu, produz mais do que o pai ou a mãe; daí, podem advir fatôres de ajustamento, ou, o contrário, como quando o sustento da casa passa a recair exclusivamente sôbre seus ombros, com as conseqüentes e várias formas de evasão: abandono do lar, casamento prematuro, "prestação" do serviço militar etc. Por outro lado, quando na qualidade de aprendizes, podem ficar sujeitos ao trabalho não remunerado, durante algum tempo, como condição mesma da aprendizagem: a exploração do trabalho, então, é "consentida", porque nem sempre há alternativa.

As famílias, quanto à utilização da fôrça de trabalho, podem ser divididas, polarmente, em dois grupos: aquelas em que é utilizado todo o potencial existente e aquelas em que só trabalha o cabeça do casal. Neste último começam a influir, de um lado, a melhor remuneração e, de outro, o preconceito contra o "trabalho da mulher fora".

Tanto no primeiro, como no segundo casos, pode se dar o fato de que a renda se torne suficiente para a lenta e gradual aquisição de vários bens de consumo duráveis, como terreno e casa próprios, geladeira, televisão, máquina de costura, bateria de cozinha etc., à custa de grandes sacrifícios.

"Estivemos na residência. Consta de um quarto onde existem uma cama de casal e duas de solteiro, onde se acomoda tôda a família (sete pessoas), uma cômoda e um pequeno guarda-roupa; uma cozinha com algumas cadeiras velhas, uma mesa, um fogão a gás bastante usado e um armário feito de caixão; um quartinho com privada e chuveiro. A casa é de tijolo, térrea e germinada. Informou que está ainda pagando o material da mesma e paga o terreno, que foi comprado de sociedade com um cunhado, cuja mensalidade de cada parte é de Cr$ 12.500. Possui uma máquina de costura e uma televisão, pagando por mês Cr$ 14.400. O marido está tentando trabalhar em consertos de sapatos, tendo alugado um salão por Cr$ 6.000 mensais. Já foi operário. A interessada e seu espôso são trabalhadores e desejam vencer na vida."

Digitalizado com CamScanner

Mas, a possibilidade de "vencer na vida" só é acessível a uma ínfima parcela do *povo trabalhador*. Na grande maioria dos casos têm que enfrentar sérias dificuldades para fugir à miséria mais completa.

Os grandes flagelos que assaltam o lar, nos casos examinados por nós, são *a enfermidade* e *o acidente*, no trabalho ou fora dêle, porque podem acarretar o desemprêgo. Têm mêdo, mesmo porque suas condições de vida e trabalho favorecem a ocorrência de uma coisa e outra. Quando se dão, são suficientes para desorganizar por completo a família, em tempo curto. Depois, quando se está desempregado é difícil conseguir novamente colocação.

Tem sido praxe em nosso parque industrial o chamado "período de experiência", sob contrato. Êsse período é de absoluta instabilidade, pois qualquer ocorrência pode motivar o desemprêgo. Quando ultrapassado, pode seguir-se o registro do trabalhador na emprêsa e nôvo período de instabilidade, pois só um ano de firma o habilitará a gozar de direitos trabalhistas e à indenização; isto, quando o patrão recolher o impôsto sindical, pois, normalmente, são despedidos antes de completar um ano de casa, simultâneamente, para não haver o pagamento de indenização e porque há excedente de mão-de-obra, o que não dificulta a reposição imediata, se fôr o caso.

Naturalmente, se tôda a economia da casa repousar sôbre o trabalho do "chefe", o desemprêgo dêste desorganiza bruscamente as condições de vida.

Ao desempregar-se e passar fome, o trabalhador vê cair a zero a sua fôrça de trabalho; ao empregar-se novamente é freqüentemente despedido por não apresentar condições físicas mínimas para aguentar até receber o primeiro vale.

Ao lado dessas dificuldades acumulam-se outras para o conjunto da família. Uma delas é o abandono temporário do lar, pelo marido, a fim de conseguir emprêgo em outros lugares. Também em virtude de dívidas, que não poderá saldar, ou, em outros casos, em razão do nascimento de mais um filho, agravando o problema da subsistência, pois também a mulher fica inativa nessa fase. No primeiro caso, vários exemplos ocorreram, em nossa amostra, quando de notícias sôbre o "surto de progresso do café do norte do Paraná", que atraiu grande número de trabalhadores da Grande São Paulo, temporàriamente.

Outra dificuldade, que redunda no aumento do volume das despesas, é o problema dos dependentes, idosos ou inválidos, além dos menores, inclusive filhos de criação. É comum, também, o abandono da atividade produtiva, pela mulher, em virtude de gravidez, princi-

Digitalizado com CamScanner

palmente na última fase de gestação, com o natural aumento das atribulações.

Apesar de todos êsses infortúnios, cada dificuldade é transposta através de soluções que surgem no próprio processo de luta pela vida. Assim, por exemplo, o dependente idoso ou inválido, ou, ainda, a vizinhança, "ficam tomando conta das crianças" enquanto o casal vai para o trabalho. Nos casos de desemprêgo, a solidariedade se manifesta em tôda a sua plenitude, chegando a ultrapassar, em alguns casos, os limites da própria racionalidade da situação, com a miséria gerando a miséria. Também muitas outras pessoas, anônimas, ajudam-no a enfrentar suas dificuldades, como neste caso: "O marido é servente de pedreiro, com remuneração insuficiente para sustentar a fase crítica de tratamento de sua espôsa. Tem contado com a colaboração da cunhada, que não tem medido esforços pela família. Pagam Cr$ 16.000 de aluguel, estando com um atraso já superior a Cr$ 100.000. O proprietário da casa tem colaborado com a família, tolerando o atraso."

Atividade Ocupacional Segundo a Geração

Com vistas aos gêneros de casos aqui examinados e que abrangem: trabalhadores e operários diversos, principalmente da construção civil, oficinas mecânicas e de material elétrico, marcenarias, oficinas de consertos e reparos, oficinas de pintura e algumas fábricas, sob a denominação geral de *povo trabalhador* — encontramos os seguintes tipos de colocação profissional, segundo duas gerações, a primeira como referência, com incidência variável:

QUADRO VII

Na origem: pobres do campo e elementos da *classe operária* ou de *camadas médias* pauperizados.

1.ª geração: servente de pedreiro, pedreiro, lavrador, costura para fábricas, doméstica, marceneiro, carpinteiro, pintor, ajudante de caminhão, caiador, serralheiro, soldador, costureira, mecânico-eletricista, ferreiro, eletricista, encanador, tratorista, motorista, tecelã.

2.ª geração: servente de pedreiro, entregador, apontador de obra, tecelã, em fiação, em olaria, auxiliar de mecâ-

Digitalizado com CamScanner

nica, bancário, "operário", "auxiliar em fábrica", "industriário", "operária", "aprendiz".

(filhos menores estudando na escola primária)

Nota — Cf. Quadro VI, *nota*.

A Diferenciação da Estrutura Social: a Classe Operária

Nesta categoria estão incluídos trabalhadores e operários de médias e grandes emprêsas industriais modernas e uma parte dos da categoria anterior. O número de casos da amostra, aqui, surge em bem menor quantidade do que em relação aos casos examinados anteriormente. Trata-se, menos dos elementos típicos da classe, em São Paulo, do que *povo trabalhador* em "ascensão" dentro dos segmentos examinados e alcançado pela ideologia do desenvolvimento econômico e industrialização recente. As emprêsas às quais se vinculam são privadas, em sua maioria, o que os diferencia daqueles dos setores estatais, onde a proletarização não atinge os mesmos índices de gravidade (apesar da tendência constante, a longo prazo, da baixa do valor real dos salários), por razões conhecidas: maior estabilidade, aumentos de salários mais ou menos garantidos periòdicamente, melhor aplicação da legislação trabalhista, recursos de assistência jurídica e de saúde etc. Esta situação de maior segurança relativa é responsável também pelo grau mais avançado de consciência, que tem ultrapassado muitas vêzes o plano meramente reivindicatório sindical. Êsse maior grau de consciência revela-se, desde logo, também, no ato da procura do Estado, como empregador, o que acaba redundando num processo de recrutamento e seleção de mão-de-obra de nível superior ao dos setores privados. Do fato de que, nas lutas salariais e reivindicatórias em geral, não se defrontam com o empresário privado, direta e isoladamente, mas com a administração pública em geral (o Estado), podem derivar melhores condições de luta e diálogo e a agressividade parece ser mais acentuada pela coesão das categorias. Por isso mesmo, podem ser menores as influências do particularismo e setorismo, que tão agudamente se manifestam nos setores privados. Possuem traços sócio-culturais diferentes dos daqueles dos segmentos mais pauperizados de que já tratamos.

Se nos casos anteriores estivemos próximos da caracterização da maior parte da massa dos segmentos estudados — e que reproduz um pouco da situação em que vivem alguns milhões de brasileiros — nestes, estaremos estudando apenas uma pequena parcela. Por isso, para

Digitalizado com CamScanner

julgar da posição da mesma no conjunto da classe, seria preciso fazer um levantamento desta, segundo, pelo menos, os principais setores privados e estatais.

Assim, o que procuraremos ilustrar aqui, repetimos, é menos a *classe operária* em si, através do estudo, por exemplo, de sua posição no modo de produção, de suas condições de trabalho nas grandes emprêsas privadas e estatais etc., do que alguns aspectos objetivos e subjetivos de como uma parte do *povo trabalhador* estava-se transformando em "operários modernos", no período examinado.

Alguns Traços Breves e Específicos

Uma das características dos casos incluídos aqui é a tendência gradativamente constante de maior remuneração. com o pagamento regular do salário mínimo e especialização de função. o que, com o tempo, pode redundar em melhor qualificação. Ao contrário dos segmentos anteriores, não há a mudança muito freqüente de atividade, mas uma gradual fixação profissional.

Mesmo quando exercido em condições precárias de instalações técnicas, ou de relações humanas na emprêsa, o trabalho na fábrica parece introduzir certos processos de transformação da organização da família do trabalhador. Um dêles é que o chefe da casa passa, em muitos casos, a prover sòzinho a subsistência, sem que a mulher necessite trabalhar fora, ou, quando é o caso, procure certos tipos de atividades como "servente de grupo escolar", nos estabelecimentos dêsse gênero, situados nos bairros onde moram, na condição de diaristas ou mensalistas, extra-numerárias do Estado ou da Prefeitura.

A maior remuneração favorece também a fixação de residência e o melhor aparelhamento desta; o local onde morar passa, então, a ser escolhido e não apenas determinado pelas necessidades mais primárias. Contudo, a preocupação com "a propriedade" tende a desaparecer, com a freqüente aceitação sem conflitos psicológicos da condição de assalariado. Por outra parte, dentro dessa condição, há uma mobilidade rumo ao tipo de emprêsa mais aparelhada tècnicamente e moderna, no que diz respeito à concepção da questão social, ou em direção às emprêsas estatais. (Por exemplo, a procura de trabalho na E.F. Sorocabana e em outros ramos estatais, no final do período examinado).

A preocupação com a educação dos filhos ganha uma regularidade maior e surgem alguns casos em que o menor é orientado para

Digitalizado com CamScanner

ginásios ou cursos profissionais e técnicos, ultrapassando, assim, a simples instrução primária.

O sistema de aprendizado nas fábricas (o *aprendiz*) é prática muito generalizada e tem constituído uma das formas através das quais se transmite a técnica da produção e a consciência sindical. Por isso, o menor pode tornar-se um elemento divulgador da ideologia da industrialização, que é contìnuamente introduzida no lar do trabalhador, ao mesmo tempo que a consciência do movimento sindical.

Aparece a presença, ao lado dos "nordestinos", "baianos", mineiros, paulistas etc., de profissionais de ascendência estrangeira, na composição étnica do proletariado industrial.

Surge uma discussão mais elaborada a propósito de aperfeiçoamento da fôrça de trabalho, aumento da produtividade, risco de vida etc.

Há a consciência das limitações derivadas da condição operária.

Na disputa do mercado de trabalho, o proletariado de origem nos *pobres do campo* e no *povo trabalhador* defronta-se com elementos das *camadas médias*, que surgem em busca dos "altos salários" pagos nas indústrias automobilística, Petrobrás, siderúrgicas, estaleiros navais etc. — o que "esconde" também um processo de pauperização.

Apesar de melhores condições de vida em relação aos outros segmentos examinados, a *classe operária* sofreu bastante com a queda da taxa de crescimento do Produto Nacional Bruto, ocorrida a partir de 1962 que, de 7,7% no ano anterior, caiu para 3,7% nesse ano e para cêrca de 2% em 1963, abaixo do ritmo de crescimento da população, segundo dados constantemente divulgados por jornais e revistas.

Naturalmente, êste fenômeno deve ter afetado bastante a população trabalhadora, no que diz respeito à estrutura e a mobilidade da mão-de-obra, que procuramos registrar aqui sob vários aspectos.

QUADRO VIII

Na origem: pobres do campo, povo trabalhador e *camadas médias* pauperizadas.

1ª geração: eletricista, soldador, serralheiro, torneiro mecânico meio oficial ajustador, mecânico maquinista, prensista, ajudante de encadernador, tapeceiro-estofador, "operário".

2ª geração: auxiliar de fiação, ajudante de encadernador, "ajudante de oficial", "fábrica", "operário", "aprendiz", "em oficina". (filhos menores estudando na escola primária e ensino médio)

Nota — Cf. Quadro VI, *nota*.

Digitalizado com CamScanner